

relevância pública cada vez maior, as análises a respeito da atuação dos evangélicos em território nacional (Burity, 2020). Há ainda um terceiro grupo, que realiza uma espécie de cruzamento desses outros dois, propondo uma investigação sobre as complexas relações entre favelas, crime e evangelicalismo (Vital da Cunha, 2015). É nesse último que a obra de Diogo Corrêa se encontra. Como o próprio título adianta, a obra em questão é uma pesquisa sobre as relações entre pentecostalismo e vida do crime em uma favela do Rio de Janeiro: a Cidade de Deus (CDD). A CDD é uma das maiores favelas planas do país e um dos principais territórios em que o controverso projeto carioca das Unidades de Polícia Pacificadoras (UPPs) se estabeleceu.

Nesse contexto, Corrêa concentrou sua pesquisa sobre a Adep (Assembleia de Deus Península), uma das várias congregações “assembleianas” presentes na CDD, mergulhando em seu cotidiano de cultos, orações, louvores e ações institucionais. Partilhando da rotina com os fiéis, o pesquisador brasileiro observou *in loco* as intrincadas conexões entre a forma de vida da igreja e a forma de vida do tráfico – seja pelo contato direto com traficantes e outros indivíduos trabalhando em bocas de fumo, seja pela aproximação com cristãos “ex-traficantes”, “ex-gays”, “ex-usuários de drogas” etc.

Além do trabalho de campo realizado durante dois anos na CDD, Corrêa empreendeu um estudo minucioso da carreira moral de um único indivíduo: Charles. Com uma trajetória ziguezagueante entre o mundo do crime e a igreja, Charles aparece como o caso paradigmático de uma das principais propostas dessa pesquisa: abrir a “caixa-preta” (Latour, 2011) da conversão religiosa. Com isso, Corrêa não só complexifica a abordagem sociológica sobre a religião, como também sugere uma agenda

CORRÊA, Diogo. (2023), *Anjos de fuzil: uma etnografia das relações entre pentecostalismo e vida do crime na favela Cidade de Deus*. Rio de Janeiro, Eduerj. 616 pp.

Por Victor Pimentel Ferreira
Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil
<https://orcid.org/0000-0002-5205-0240>

Por Camila Luíza de Sena
Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil
<https://orcid.org/0000-0001-8340-6441>

Anjos, fuzis e conversões: pesquisando mudanças de vida entre o tráfico e o neopentecostalismo

Duas frentes de pesquisa sociológica têm crescido no Brasil nos últimos anos. De um lado, já bem estabelecidas, as investigações sobre favelas, segurança pública, Estado e violência (Feltran, 2011). De outro, ganhando

original de pesquisas a respeito das tensões internas imanentes ao *self*: a sociologia dos problemas íntimos.

Abrindo a “caixa-preta” da conversão religiosa

Como nos mostra Corrêa no início do livro, a sua ideia original era realizar uma pesquisa sobre casos de transformação voluntária de vida.

A partir disso, o autor decidiu se concentrar sobre o tópico da conversão religiosa, o que o levou à realização da obra aqui resenhada. Nesse empreendimento, Corrêa (p. 566) relata ter sido influenciado pelo que chama de “teorias clássicas da conversão”, que, de modo geral, caracterizavam-na como um processo semelhante àquele descrito pela teoria da investigação do filósofo norte-americano John Dewey. Isso significa que tudo ocorreria em basicamente três etapas. Primeiramente, haveria um *self* estável, antes da conversão. Em um segundo momento, esse mesmo *self* experimenta uma perturbação responsável por gerar nele estados contínuos de inquietação. O *self*, então instável, empreende esforços para superar tal indeterminação e alcançar uma nova estabilidade – ou seja, no raciocínio deweyano, ele passa a *investigar*. A partir dessa movimentação, o *self* encontra uma nova estabilidade, cessando a indeterminação anterior.

Para as “teorias clássicas da conversão”, a religião se estabelece na vida do indivíduo nesse tipo de situação, aparecendo como uma possível solução estabilizadora do estado de incerteza experimentado. De fato, na parte II do livro, os relatos de ex-traficantes apresentados por Corrêa seguem mais ou menos esse mesmo processo. Como detalha o autor (p. 568), a estabilidade encontrada a partir da inserção de tais indivíduos no “mundo da igreja” pode ser interpretada como “resultado

de investigações empreendidas [...] [por eles] diante dos problemas da vida do crime”. Contudo, ao se deparar com o caso de Charles, cuja trajetória transitava entre a igreja e o crime, Corrêa começou a identificar uma lacuna no modelo explicativo daquelas teorias. Afinal, como explicar que o processo de conversão religiosa também apresentasse, em certas ocasiões, momentos de reversibilidade?

Diante disso, o autor decidiu não mais olhar a vida do convertido apenas do ponto de vista da conversão, como se ela pudesse explicar integralmente a sua trajetória a partir de então, mas sim analisar a conversão do ponto de vista de uma *trajetória de problemas íntimos* que se fazem presentes, em graus e momentos variados, ao longo da vida de um indivíduo – no caso, na de Charles. A partir disso, Corrêa sugere que a conversão religiosa não deve ser interpretada exclusivamente como um “momento singular” ou uma ruptura irreversível na vida dos atores sociais. Ao acompanhar semanalmente a vida de um convertido, o autor mostra que, em vez de representar uma solução para problemas individuais prementes, a conversão pode significar *mais um problema* dentro de uma pluralidade de incertezas e indeterminações sentidas pela trajetória de uma vida particular.

Dessa maneira, Corrêa argumenta que o acompanhamento proposto no livro é capaz de abrir a “caixa-preta” da conversão religiosa, evidenciando os pontos de tensão sentidos pelos convertidos em relação às formas de vida assumidas por eles anteriormente. Assim, o autor afirma ser possível pensar a conversão a partir de duas perspectivas: uma, baseada nas teorias clássicas, a define como um “renascimento”; a outra, como uma “modulação de formas de vida”, que varia conforme o vínculo com uma esfera de investimento (p. 569). Em

outras palavras, a conversão não precisa ser necessariamente uma “experiência singular”, responsável por mudar definitivamente a vida do indivíduo. Na verdade, no caso analisado, ela assume muitas vezes a configuração de uma experiência cujos efeitos na trajetória de vida particular variam de acordo com a ligação estabelecida pela pessoa com a forma de vida da igreja.

Corrêa (p. 576) propõe, portanto, que a conversão religiosa seja pensada não como um *momento*, mas sim como um *contínuo*, que, na situação investigada, varia do “traficante mafioso” ao “ex-traficante crente”. O caso de Charles evidencia tal reflexão: seu movimento vacilante entre a igreja e o crime aponta para o fato de que a conversão diz respeito, não raras vezes, à *coabitación entre formas de vida distintas* (como a forma de vida da igreja e a forma de vida do crime) no mesmo indivíduo. A partir disso, Corrêa (p. 579) argumenta que a conversão representa muito mais uma “reconfiguração dos elementos e movimentos problemáticos que caracterizam um indivíduo” do que uma mudança radical e milagrosa de toda a sua trajetória.

Uma agenda de pesquisa sociológica

No que diz respeito à discussão teórica, o trabalho de Corrêa traz duas contribuições importantes para a sociologia, sobretudo para a sociologia pragmática. Junto com outros pesquisadores, Corrêa tem se destacado como um dos principais debatedores dessa corrente em terras brasileiras (Corrêa, 2021). Como sabido, a partir da década de 1980, uma série de “novas sociologias” (Corcuff, 1998) emergem a partir de um movimento de crítica às sínteses propostas pelo “novo movimento teórico” (Alexander, 1987) e de revalorização da ação, dos sentidos

e do papel fundamental de entidades não humanas na vida social (Dosse, 2018). Nesse contexto, a sociologia pragmática se constitui principalmente por meio da contraposição à “sociologia crítica”, representada pelo trabalho de Pierre Bourdieu, hegemonic à época.

Em sua obra, Corrêa aponta um objeto ainda pouco trabalhado pela corrente: o indivíduo. Provavelmente por conta de seu situacionismo metodológico e pela sua postura crítica ao disposicionalismo bourdieusiano, o indivíduo, de fato, ainda é um “ponto cego” das pesquisas pragmáticas, tendo sido mais bem trabalhado por outras correntes contemporâneas, como é o caso das sociologias em escala individual. Por essa razão, Corrêa busca reter as virtudes de tais reflexões com o objetivo de desenvolver um modo tipicamente pragmatista de análise do indivíduo.

Um dos pontos basilares da sociologia pragmática é a sua concentração sobre situações *problemáticas*, momentos críticos, controvérsias etc. É a partir delas que os atores se sentem impelidos a evidenciar justificações e críticas, abrir as “caixas-pretas” e visibilizar as lógicas morais norteadoras de suas ações. Daí porque o social, nessa corrente, não aparece como o elemento *explicativo* da realidade, mas sim como aquilo que deve ser explicado a partir das associações heterogêneas empreendidas pelos atores sociais, associações essas que se tornam mais visíveis em momentos nos quais se deparam com problemas e desajustes. É exatamente com a mesma sensibilidade que Corrêa argumenta que também o indivíduo – ou, mais especificamente, o *self* – deve ser entendido não como uma entidade estabilizada ou harmônica, mas sim como uma “arena íntima” repleta de tensões e crises existenciais.

Se isso é verdade, então os indivíduos são impelidos continuamente a realizar atividades

autoinvestigativas, visando à estabilização, ainda que precária e temporária, de seu próprio *self*. Como reforça Corrêa, esse trabalho de autoanálise pode se manifestar de modos distintos, seja por terapias psicanalíticas, conversas com pastores etc. Obviamente, isso não quer dizer que direcionamos nossa atividade investigativa para “tudo da mesma forma e ao mesmo tempo” (p. 562). A depender do que vivenciamos, o nosso foco atencional é orientado de maneira variada, fazendo com que certas questões sejam mais ou menos proeminentes em determinados momentos. Contudo, independentemente da situação, o autor toma como pressuposto a ideia de que somos indivíduos plurais e heterogêneos cujas incertezas, tensões e crises aparecem em intensidades variadas e assumem uma determinada “trajetória” ao longo do tempo (p. 519).

As ideias basilares para o desenvolvimento de uma *sociologia dos problemas íntimos* não vieram apenas do cruzamento crítico entre diversas reflexões sociológicas contemporâneas – elas foram fundamentadas empiricamente a partir do acompanhamento de Charles, morador da Cidade de Deus. A sua trajetória ziguezagueante entre o “mundo do tráfico” e o “mundo da igreja” sugeriu ao autor a percepção de que as crises e tensões internas dos *selves* dos atores sociais podem, em larga medida, ser *retraçáveis* e, portanto, *analisáveis* sociologicamente. Ou seja, além de tentar jogar luz sobre o indivíduo a partir de uma sociologia de sensibilidade pragmatista, Corrêa também visa a construir uma *metodologia* capaz de cartografar e modelizar os problemas íntimos de um único indivíduo – e esse é o segundo ponto que gostaríamos de ressaltar nessa seção.

A metodologia desenvolvida pelo sociólogo brasileiro se baseia na realização de múltiplas entrevistas com uma mesma pessoa – no caso

de Charles, foram 58, efetuadas semanal e quinzenalmente. A partir dos dados coletados nas conversas, o autor empreendeu uma codificação baseada em quatro categorias (pp. 466-498): os estados autoatribuídos (as atribuições de estado que o indivíduo faz de si mesmo); os horizontes de expectativa (as expectativas sobre o futuro); os acontecimentos marcantes (os eventos marcados pelo próprio indivíduo “para justificar alguma transformação significativa em sua trajetória” (p. 467); e as variações bruscas (as alterações repentinas na trajetória biográfica do indivíduo, percebidas ao longo da codificação). A partir dessas codificações, além de ter “organizado” os relatos de Charles, Corrêa também se mostrou exitoso na tentativa de reduzir alguns dos riscos inerentes à mobilização de entrevistas, como é o caso da “ilusão biográfica” (Bourdieu, 1986).

Com essa metodologia, a sociologia dos problemas íntimos fortalece uma agenda de pesquisa profíqua para os próximos anos. Em uma sociedade cujos processos de individualização se tornam cada vez mais proeminentes (Martuccelli, 2007) e cujos contextos de socialização adquirem maior pluralidade e heterogeneidade (Lahire, 2002), nada mais justo do que a sociologia se aproximar criticamente do domínio do indivíduo. Mobilizando uma sensibilidade pragmatista, Corrêa sugere que os casos mais analiticamente profícuos para essa abordagem são aqueles referentes a processos de *transformação biográfica* – não só a conversão religiosa, mas também a transição de gênero, a mudança de casa, a mudança de profissão etc. Isso acontece porque, assim como em outros momentos críticos, também nas situações de *transformação biográfica* os indivíduos tendem a tornar mais nítidas as suas crises, tensões e incertezas internas.

Conclusão

Destacamos dois pontos centrais de *Anjos de fuzil*: a análise das conversões religiosas, ligada ao pentecostalismo e à vida no crime em favelas, e a proposta de uma agenda de pesquisa original. Em relação ao primeiro, Corrêa ilumina as tensões da conversão religiosa, enriquecendo o debate clássico sobre mudanças nos modos de vida. Quanto ao segundo, orientado por uma sensibilidade pragmatista, o autor também propõe ampliar a metodologia usada no estudo de Charles para outros processos de transformação. Dado o alcance de *Anjos de fuzil* e suas discussões sobre mudanças de vida e relações entre pentecostalismo e criminalidade em favelas, esperamos que esta resenha sirva como introdução aos temas, ajudando a ampliar sua circulação.

Referências Bibliográficas

- ALEXANDER, Jeffrey. (1987), “O novo movimento teórico”. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, 2 (4): 5-28.
- BOURDIEU, Pierre. (1986), “A ilusão biográfica”. *Actes de la Recherche en Sciences Sociales*, 62-63: 69-72.
- BURITY, Joanildo. (2020), “El pueblo evangélico: construcción hegemónica, disputas minoritarias y reacción conservadora”. *Encartes Antropológicos*, 3: 1-35.
- CORCUFF, Phillip. (1998), *Las nuevas sociologías: construcciones de la realidad social*. Madri, Alianza, 1998.
- CORRÊA, Diogo. (2021), “Novos rumos da teoria social a partir de três gestos da sociologia pragmática”. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, 36 (105): 1-19.
- CORRÊA, Diogo. (2023), *Anjos de fuzil: uma etnografia das relações entre pentecostalismo e vida do crime na favela Cidade de Deus*. Rio de Janeiro, Eduerj.
- DOSSE, François. (2018), *O império do sentido: a humanização das ciências humanas*. São Paulo, Editora Unesp.
- FELTRAN, Gabriel. (2011), *Fronteiras de tensão: política e violência nas periferias de São Paulo*. São Paulo, Editora Unesp.
- LAHIRE, B. (2002), *Homem plural: os determinantes da ação*. Petrópolis, Vozes.
- LATOUR, Bruno. (2011), *Ciência em ação: como seguir cientistas e engenheiros sociedade afora*. São Paulo, Editora Unesp.
- MARTUCELLI, Danilo. (2007), *Cambio de rumbo: la sociedad a escala del individuo*. Santiago, LOM Ediciones.
- VITAL DA CUNHA, Christina. (2015), *Oração de traficante: uma etnografia*. Rio de Janeiro, Garamond.

Texto recebido em 20/12/2024 e aprovado em 07/02/2025.

doi:10.11606/0103-2070.ts.2025.232471.

